

QUEM TEM MEDO DO LOBO MAU? A REPRESENTAÇÃO DO LOBO EM CONTOS E RECONTOS

WHO IS AFRAID OF THE BAD WOLF? THE REPRESENTATION OF
THE WOLF IN TALES AND RETELLING

QUIÉN TIENE MIEDO DEL LOBO MALO? LA REPRESENTACIÓN DEL
LOBO EN CUENTOS Y RECONTOS

*Elesa Vanessa Kaiser da SILVA**

Resumo: O contato com a Literatura Infantil, especialmente com os contos de fadas, permite ao leitor conhecer personagens clássicos que sobrevivem no decorrer dos anos. E, dentre estes, alguns se destacam: princesas, príncipes, Chapeuzinhos, lobos e bruxas, pois, são os que habitam, também com muita frequência, histórias contemporâneas e continuam atraindo a atenção das crianças. Assim, neste estudo, pretende-se, especificamente, analisar a representação do lobo em obras infantis contemporâneas que compõem o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE – 2012. Foram selecionadas obras que dialogam com os contos de fadas clássicos, a fim de analisar se a criação parodística permite uma inovação em relação às possibilidades de novos caminhos a serem seguidos pelos personagens. Sendo assim, este trabalho prenderá à análise de “Chapeuzinhos Coloridos”, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2010); “Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante”, de Lynn Roberts (2009); “De quem tem medo o Lobo Mau?”, de Silvana de Menezes (2009); “Cuidado com o menino!”, de Tony Blundell (2011); e “Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?”, de Quentin Greban (2010), as quais foram selecionadas a partir da leitura de 150 (cento e cinquenta) obras literárias do acervo do PNBE 2012. Para tanto, foram utilizadas, para base teórica, sobretudo as obras de Linda Hutcheon (1985) Robert Darnton (2011), Ana Maria Machado (2002), Vera Teixeira de Aguiar Aguiar e Alice Áurea Penteado Martha (2012), entre outras.

Palavras-chave: Recontos; Literatura Infantil; Lobo.

Abstract: The contact with Children’s Literature, especially with fairy tales, allows the reader to know classical characters that have survived over the years. And, among these, some stand out: princesses, princes, Little caps, wolves and witches, since these are the ones that inhabit, also very often, contemporary stories and continue attracting the attention of children. Thus, this study aims to specifically analyze the representation of the wolf in contemporary children’s books that compose the

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - sob orientação da Profa. Dra. Clarice Lottermann. Cascavel, Paraná, Brasil. Contato: elesa_ks@hotmail.com.

collection of the National Program of School's Library (Programa Nacional Biblioteca da Escola) – PNBE – 2012. Works that dialogue with the classical fairy tales were selected, in order to analyze if the parodistic creation allows an innovation in relation to the possibilities of new ways to be taken by the characters. Thus, this paper aims to analyze “Chapeuzinhos Coloridos”, José Roberto Torero and Marcus Aurelius Pimenta (2010); “Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante”, Lynn Roberts (2009); “De quem tem medo o Lobo Mau?”, Silvana de Menezes (2009); “Cuidado com o menino!”, Tony Blundell (2011); and “Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?”, Quentin Greban (2010), which were selected from the reading of 150 (one hundred fifty) literary works of 2012 PNBE collection. For this purpose, works of Linda Hutcheon (1985) Robert Darnton (2011), Ana Maria Machado (2002), Vera Teixeira de Aguiar and Alice Áurea Penteado Martha (2012) were used especially, for theoretical basis, among others.

Keywords: Retelling; Children's Literature; Wolf.

Resumen: El contacto con la Literatura Infantil, especialmente con los cuentos de hadas, permite al lector conocer personajes clásicos que sobreviven al transcurrir de los años. Y entre ellos, se destacan algunos como: princesas, príncipes, Caperucitas, lobos y brujas, pues, son los que aparecen también, con mucha frecuencia, en historias contemporáneas y continúan atrayendo la atención de los niños. En este estudio se pretende, específicamente, analizar la representación del lobo en las obras infantiles contemporáneas que componen el acervo del *Programa Nacional Biblioteca da Escola* – PNBE – 2012. Se seleccionaron obras que se relacionan con los cuentos de hadas clásicos, a fin de analizar si la creación parodística permite una innovación en relación a las posibilidades de nuevos caminos a ser seguidos por los personajes. Para ello, este trabajo abordará el análisis de “Chapeuzinhos Coloridos”, de José Roberto Torero y Marcus Aurelius Pimenta (2010); “Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante”, de Lynn Roberts (2009); “De quem tem medo o Lobo Mau?”, de Silvana de Menezes (2009); “Cuidado com o menino!”, de Tony Blundell (2011); y “Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?”, de Quentin Greban (2010), obras que fueron seleccionadas a partir de la lectura de 150 (ciento y cincuenta) obras literarias del acervo del PNBE 2012. Para la base teórica, se recurrió principalmente a las obras de Linda Hutcheon (1985) Robert Darnton (2011), Ana Maria Machado (2002), Vera Teixeira de Aguiar y Alice Áurea Penteado Martha (2012), entre otras.

Palabras clave: Recuentos; Literatura Infantil; Lobo.

1 Introdução

A leitura de contos de fadas permite que o leitor se identifique com personagens, vivenciando aventuras e emoções que podem levá-lo, indiretamente, a buscar soluções para seus próprios problemas.

Realizar um levantamento de obras contemporâneas que promovem a releitura de contos de fadas clássicos permite observar como ocorre o diálogo entre obras clássicas e contemporâneas, se personagens que são retomados, por meio da paródia, rompem com estereótipos, e quais valores estão sendo reiterados nas obras infantis contemporâneas.

Por meio de um levantamento de obras, junto ao acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE – 2012, identificaram-se obras contemporâneas que dialogam com os contos de fadas clássicos, e desta forma, serão destacados recontos mais evidentes que apresentam o personagem lobo.

Foram identificadas duas obras infantis que apresentam versões clássicas: “Chapeuzinho Vermelho: a verdadeira história” (2008), de Antônio R. Almodóvar; e “Contos de Fadas” (2010), de Charles Perrault, Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, Hans Christian Andersen e outros (Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges). Em relação às obras infantis contemporâneas, foram encontradas cinco histórias, sendo estas: “Chapeuzinhos Coloridos”, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2010); “Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante”, de Lynn Roberts (2009); “De quem tem medo o Lobo Mau?”, de Silvana de Menezes (2009); “Cuidado com o menino!”, de Tony Blundell (2011); e “Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?”, de Quentin Greban (2010), as quais serão apresentadas posteriormente, a fim de destacar a representação do personagem lobo nos contos e recontos supracitados.

Vera Maria Tietzmann Silva (2012), em “Sobre contos e recontos”, destaca o termo reconto e suas definições, agregando importante contribuição para os estudos acerca do gênero que se destaca na atualidade:

Se, como sugere o prefixo reduplicativo, recontar é contar de novo, podemos incluir neste processo um leque muito amplo de produtos obtidos com base em textos anteriores. Recontar histórias pode tanto constituir uma atividade oral – uma modalidade de jogo dramático –, como uma elaboração escrita, processo de que resulta um texto para ser lido (SILVA, 2012, p. 13).

A partir da leitura das obras literárias que compõem o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE – 2012, destinado à Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, notou-se

que muitas obras contemporâneas dialogam com as clássicas. Do mesmo modo, personagens clássicos são retomados através da paródia, do humor e ironia. Observou-se que os recontos dialogam com os contos de fadas clássicos e trazem novos valores ou questionam os que estão sendo transmitidos ou reiterados, pois, em releituras, constata-se uma tendência à reversão em relação aos perfis estereotipados. Sem limites rígidos, obras mostram personagens menos maniqueístas. Desse modo, é possível perceber que as narrativas dialogam com os clássicos, desconstruindo, ressignificando e provocando novas relações de sentido.

A comicidade assumiu um lugar importante na Literatura Infantil. Nesse sentido, vale destacar o estudo de Mikhail Bakhtin (2002) sobre “Rabelais e a história do riso”, que trata sobre a “carnavalização na literatura”. O autor apresenta uma teoria inovadora sobre a cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento. O riso, considerado “obra do diabo”, passa a ter uma ligação com a liberdade, uma resposta à censura, proveniente da cultura oficial e séria (Igreja e Estado). Nota-se, assim, que os “menores” (oprimidos) assumem espaço de destaque, e é por meio do riso que estes superam os dominadores em algum momento. O mesmo ocorre na literatura contemporânea: personagens clássicos são dessacralizados, desconstroem-se os estereótipos. Assim, tira-se deles certa aura que os protegia, pois são criticados, tornando-se alvos de zombaria.

Os estudos de Linda Hutcheon (1985) contribuem para a compreensão acerca desse fenômeno, que é também recorrente na Literatura Infantil. Seja investigando, definindo ou apontando funções da paródia, a autora defende o gênero considerando-o sofisticado nas exigências que faz aos seus praticantes e intérpretes. Vale destacar Hutcheon (1985, p. 16) quando afirma que: “Paródia não é apenas aquela imitação ridicularizadora mencionada nas definições dos dicionários populares”. Mas sim, conforme destaca a estudiosa canadense, trata-se de uma repetição com diferença crítica.

Partindo de tais perspectivas, na análise dos recontos, neste artigo, considera-se, sobretudo os estudos de Hutcheon (1985), para compreensão acerca do conceito de paródia, Bergson (2001) para a compreensão da comicidade, Bakhtin (1996) para conhecimento da história do riso, Samoyault (2008) para definir conceitos de intertextualidade, Darnton (2011) para conhecimento acerca da origem

dos contos de fadas, bem como do histórico e contexto da época em que se inserem. Também, consideramos Machado (2002) para fundamentar a importância dos clássicos universais e Aguiar e Martha (2012) para fundamentar o conceito de reconto.

2 “Chapeuzinho Vermelho”: do conto ao reconto

Dentre os clássicos contos de fadas, “Chapeuzinho Vermelho” é uma das histórias mais difundidas, seja por meio da tradição oral ou pela escrita, através de filmes, seriados, propagandas e produtos de natureza diversa. Neste contexto, destaca-se o personagem lobo (vilão clássico), que há décadas atrai a atenção de leitores estando também presente em inúmeras releituras de contos de fadas ou por meio da intertextualidade entre obras clássicas e contemporâneas.

Robert Darnton, no texto “Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamã Ganso” (2011) enfatiza a dimensão histórica dos contos populares, definindo-os como documentos que sofreram grandes transformações, em diferentes tradições culturais. O autor apresenta um estudo acerca da origem dos contos de fadas, destacando “Chapeuzinho Vermelho”, no início do capítulo, com a versão narrada em torno das lareiras, nas cabanas dos camponeses, na França do século XVIII. Posteriormente, descreve análises referentes aos contos de fadas, desconstruindo-as e apresentando os contos como documentos históricos.

Mais de metade das 35 versões registradas de “Chapeuzinho Vermelho” terminam como a versão contada antes, com o lobo devorando a menina. Ela nada fizera para merecer esse destino; porque, nos contos camponeses, ao contrário dos contos de Perrault e dos irmãos Grimm, não desobedece a sua mãe nem deixa de ler os letreiros de uma ordem moral implícita, escritos no mundo que a rodeia. Ela simplesmente caminhou para dentro das mandíbulas da morte. E a natureza inescrutável e inexorável de calamidade que torna os contos tão comoventes, e não os finais felizes que eles, com frequência, adquirem, depois do século XVIII (DARNTON, 2011, p. 79, grifo de autor).

Quanto à versão de Perrault, conforme Rita Felix Fortes (1996), a educação moralizante é fundamental para a compreensão

trágica desse conto e de outros do mesmo livro: “O Chapeuzinho Vermelho, de Perrault, nega à menina uma segunda oportunidade, postura que coaduna com a rígida moral da burguesia nascente que pune a transgressão com a danação: Chapeuzinho devorada é Chapeuzinho acabada”. (FORTES, 1996, p. 17).

No conto reescrito pelos Irmãos Grimm, surge a figura do caçador, o qual resgata a menina e a avó, contribuindo para um novo desfecho. Embora a menina tenha uma segunda chance, vale destacar que:

A convicção social feminina, tradicionalmente, ao longo da história, está associada à dependência de um protetor masculino, pai, irmão, ou parente, que resgata as mulheres das armadilhas do mundo, até que o marido assuma definitivamente esse papel. Nesse conto, essa figura não se faz presente e a menina, ao sair do espaço da casa, área de atuação feminina, fica à mercê dos perigos da vida fora do círculo familiar (FORTES, 1996, p. 20).

A personagem clássica, dotada de beleza, vaidade e ingenuidade, necessita de um elemento masculino para sua proteção. É submissa ao homem. Já na Literatura contemporânea, encontram-se novas representações, tanto de Chapeuzinho quanto do lobo. São diferentes versões que dialogam com o clássico Chapeuzinho Vermelho.

Merece especial atenção o fato de que, em releituras, existe uma tendência à aversão aos perfis clássicos de tal forma que as obras contemporâneas tendem não só a transmitir uma mensagem de que tudo ficará bem, mas também a desconstruir estereótipos clássicos. Embora seja considerada uma questão de superar o medo (como do Lobo, por exemplo), também questiona-se: até que ponto pode-se mostrar que o lobo já não representa perigo algum? Estamos livres dos perigos que são atemporais?

3 O lobo nos contos de fadas clássicos e nos recontos

Por meio de um levantamento de obras, junto ao acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE – 2012, identificaram-se obras contemporâneas que dialogam com os contos de fadas clássicos, e desta forma, serão destacados a seguir, as versões

clássicas e os recontos mais evidentes que apresentam o personagem lobo.

Quadro 1- Releituras de Chapeuzinho Vermelho no acervo do PNBE 2012

Títulos	Autor(a)/Ilustrador(a)	Editores
Contos clássicos		
“Chapeuzinho Vermelho: a verdadeira história”	AntonioRodrigues Almodóvar/ Marc Taege Trad. de Thais Rimkus	Instituto Callis
“Contos de Fadas”	Perrault, Grimm, Andersen e outros Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges	Zahar
Contos contemporâneos		
“Chapeuzinhos Coloridos”	José R. Torero, Marcus A. Pimenta/ Marília Pirillo	Objetiva
“Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante”	Lynn Roberts/ David Roberts Trad. de Denise KatchuianDognini	Zastras
“De quem tem medo o Lobo Mau?”	Silvana de Menezes	Elementar
“Cuidado com o menino!”	Tony Blundell Trad. de Ana Maria Machado	Salamandra
“Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?”	Quentin Greban Trad. de Newton Cassiolato	Berlendis&Vertecchia

Conforme o Quadro 1, duas obras infantis apresentam histórias clássicas: “Chapeuzinho Vermelho: a verdadeira história” (2008), de Almodóvar; e “Contos de Fadas” (2010) de Perrault, Grimm, Andersen e outros (Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges). Ambas apresentam o lobo tradicional, ou seja, o vilão, devorador, perigoso, amedrontador, vencido pelo caçador e morto ao final da história.

Em relação às obras infantis contemporâneas, foram identificadas cinco histórias, sendo estas: “Chapeuzinhos Coloridos”, de Torero e Pimenta (2010); “Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante”, de Roberts (2009); “De quem tem medo o Lobo Mau?”, de Menezes (2009); “Cuidado com o menino!”, de Blundell (2011); e “Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?”, de Gréban (2010). Nestas, o personagem lobo é a vítima, enganado, ingênuo, em diferentes situações é chamado de bobo, em alguns casos, chega a ser vegetariano, bondoso e podendo ter um final feliz.

Na obra “Chapeuzinhos coloridos”, nota-se que, em cada uma das histórias, o lobo assume um novo papel: na primeira, é vítima de um plano infalível, seu destino é trágico, torna-se o prato predileto tanto da avó quanto da neta. Na segunda, é o guloso que engole até o caçador e acaba explodindo. Na terceira, além de engolir Chapeuzinho e a avó, tem interesse em dinheiro, inclusive pensa em roubar as jóias da velhinha. Na quarta, cansado de ser solitário, acaba sendo o animal de estimação. Na quinta, o lobo (que é bom!), tenta mudar a visão que as pessoas têm dele, mas acaba sendo morto injustamente pelo caçador, que conhece a sua fama de mau. Na sexta, o lobo não só dialoga com a menina, como também quer ser amigo do caçador.

Desta forma, os contos não só apresentam novas Chapeuzinhos, como também convidam o leitor a criar a sua própria personagem. Quanto aos desfechos das histórias, nota-se que estão inseridos no contexto atual: o fato de “Chapeuzinho” Azul (que é menor de idade) ser presa juntamente com sua avó após terem comido torta do lobo, sendo acusadas de matarem animais em extinção, reflete um tema polêmico na sociedade, pois a mãe da menina pagou fiança e tudo ficou bem, exceto para o lobo.

De maneira sutil, as diferentes versões coloridas de Chapeuzinho Vermelho abordam assuntos/temas recorrentes na atualidade (obesidade, fama, dinheiro, diferentes famílias e adolescência), provocam questionamentos e modificam a forma de representar personagens que fazem parte do repertório e do imaginário do público leitor, instaurando uma ruptura com a tradição literária e com os estereótipos de vilão e herói.

Em “Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante” (2009), de Roberts, a ruptura com o clássico já tem início ao se apresentar um menino como Chapeuzinho Vermelho: Tomás usava

casquinho vermelho e adorava ouvir histórias dos perigosos saqueadores. Seus pais eram donos de uma acolhedora pensão que oferecia um borbulhante refrigerante. Ao levar, para sua avó, uma cesta com deliciosas guloseimas e refrigerante para toda a semana, o menino é atraído por maçãs maduras que avistou na floresta escura e ameaçadora, com estranhos rostos nas árvores. Ao decidir apanhá-las, deixa seu casquinho vermelho para preservá-lo de um possível estrago, mas quando volta, percebe que o mesmo havia sumido.

O lobo, que havia apanhado o casaco, foge correndo para a casa da avó. Espremido, para que conseguisse caber no casquinho, conseguiu enganar a velhinha, que enxergava muito mal: “Agora, me disfarço de vovó e como o menino de sobremesa” (ROBERTS, 2009, não paginado).

As perguntas e respostas clássicas são retomadas, no entanto, o menino astucioso propõe ao lobo o seguinte: “Espere! Tenho algo muito mais saboroso que eu” (ROBERTS, 2009, não paginado) e dá a ele o refrigerante. Ao tomar todo o refrigerante (suficiente para a semana inteira), o lobo deu um enorme arroto, o que fez com que a vovó fosse expelida de sua boca.

Enquanto o lobo cambaleava resmungando, Chapeuzinho Vermelho pegou o garrafão vazio e atirou-o na cabeça do lobo, que caiu desmaiado. Então, rapidamente amarrou as patas do lobo com um par de meias grossas de lã da vovó.

O lobo acordou com um grande galo na cabeça. “Minha pobre cabecinha...”, reclamava. “comer vovozinhas está se tornando muito perigoso! E depois, este refrigerante borbulhante estava muito mais gostoso!” (ROBERTS, 2009, não paginado).

O menino esperto convence o lobo a não devorar mais ninguém, em troca garante todo o refrigerante que ele quisesse:

O lobo concordou prontamente. Dali em diante, a cada semana, a caminho da casa da vovó, Chapeuzinho Vermelho deixava um garrafão de refrigerante borbulhante na floresta para o lobo, que o bebia avidamente, sem se importar com seus embaraçosos efeitos colaterais (ROBERTS, 2009, não paginado).

Tomás (o chapeuzinho) sofreu as consequências por não ter obedecido às orientações de sua mãe (de não sair do caminho), mas, com sua inteligência, fez o lobo de bobo. No entanto, nesta história, todos os personagens saíram em vantagem.

Vale destacar a importância de o leitor conhecer o conto clássico, pois, caso contrário, o título não faria o mínimo sentido, até porque Tomás não usava capuz vermelho, e sim um casaco. Assim como as demais releituras, “Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante”, exige um repertório de leituras por parte do leitor.

Embora a personagem Chapeuzinho Vermelho tenha se destacado como protagonista no decorrer dos anos, nota-se, contemporaneamente, uma tendência maior em promover uma releitura do personagem lobo, embora com aversão à imagem clássica, pois, o personagem chega a ser alvo de piada. Os próprios títulos de obras infantis contemporâneas já remetem à ideia de decadência do “vilão” dos contos de fadas: “De quem tem medo o Lobo Mau?” (2009), de Silvana de Menezes; “Cuidado com o menino!” (2011), de Tony Blundell (tradução de Ana Maria Machado). Em “Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?” (2010), de Quentin Greban (tradução de Newton Cassiolato), o lobo é alvo de zombaria: “- Mamãe, por que os lobos não se fantasiam no Dia das Bruxas? - Porque eles escolhem muito mal a fantasia- responde Mamãe” (GREBAN, 2010, não paginado). Na ilustração da última obra mencionada, apresenta-se um lobo fantasiado com capuz vermelho segurando uma cesta nas mãos.

Em “De quem tem medo o Lobo Mau?” (2009), de Menezes, é possível encontrar um lobo velho e vegetariano que vivia numa floresta em extinção. Triste e solitário vivenciava os limites do seu corpo:

A única alegria do lobo bobo
Eram as histórias nos livros dos seus dias de glória.
Nas páginas coloridas ou em preto e branco
O lobo permanecia o que havia sido em um dia
(MENEZES, 2009, p. 10).

O lobo não se tornou vegetariano por opção, vivia sozinho, tanto que acabou chegando à conclusão de que uma coisa só tem sentido quando é compartilhada. E assim ele vivia, até que se viu frente a frente com um caçador. Enquanto na obra clássica a história inicia com a menina indo pela floresta, na contemporânea é um lobo

que tem em sua história um novo rumo após se encontrar com o caçador. Nesta obra não aparece a figura de Chapeuzinho Vermelho. Além do mais, desconstrói-se a imagem do lobo clássico que é devorador, vilão, perigoso, amedrontador, vencido pelo caçador e morto ao final da história. O lobo contemporâneo está em decadência, pois se vangloria apenas do passado.

Obra clássica e contemporânea dialogam, marcadas pela passagem do tempo que trouxe não somente consequências representadas no cenário (natureza), mas também para o corpo de cada personagem (artrite, cataratas, cansaço, diabetes, poucos dentes, pelos brancos, etc.):

Menezes (2009) põe em cena questões que envolvem passado, presente e futuro. Trata de temas como amizade, velhice e valores, ao mesmo tempo em que apresenta a situação do meio ambiente, mostrando situações (desmatamento, animais em extinção, falta de água) que podem virar realidade no futuro do próprio leitor. A obra chama atenção para o destino comum a homens e animais: o tempo passa para todos e o futuro é o mesmo para ambos.

Se na obra citada anteriormente o lobo já enfrenta dias de ingloria, em “Cuidado com o menino!” de Tony Blundell, reforça-se a desconstrução do estereótipo de lobo, pois, o personagem é vítima de um menino esperto, tão astucioso e ousado quanto o “Gato de Botas”.

O lobo mau é um elemento muito perigoso. Mas, quando encontra pela frente um menino esperto, corre o risco de virar lobo-bobo.

Neste conto de fadas ao contrário, o menino trapaceia o lobo de forma muito divertida... (BLUNDELL, 2011, não paginado).

Nesta obra, o lobo é vítima, chamado de bobó, faz tudo o que o menino manda, é muito ingênuo e chega a ser ridicularizado. A história inicia com “Era uma vez – não faz tanto tempo assim e num lugar não muito longe – um menino que entrou por um atalho que atravessava uma floresta...”. (BLUNDELL, 2011, p. 07). O menino assume o papel da personagem clássica Chapeuzinho Vermelho, este, no entanto, assim como nos recontos já mencionados, não necessita de um caçador para salvá-lo. E a partir do momento em que foi capturado, começa a fazer o clássico “vilão” de bobó.

As ilustrações da obra reforçam a ideia de que o menino é ousado, não sente medo nenhum, chega a ficar de braços cruzados enquanto conversa com o lobo numa caverna para a qual foi levado:

- O que é que você vai fazer comigo? -Perguntou o menino.

O lobo lambeu os beiços e respondeu:

- Eu vou te comer, é claro.

- Assim cru? - Perguntou o menino.

O lobo rugiu.

- Quer dizer...- Suspirou o garoto...- você não vai nem me cozinhar antes?

O lobo pensou um pouco (BLUNDELL, 2011, p. 10).

No conto clássico, o lobo devora/engole Chapeuzinho e vovó. Embora no texto contemporâneo apresente a mesma intenção, por ser guloso, acaba ouvindo sugestões do menino. Para cada receita que o mesmo sugeria (sopa de menino, pastelão de menino e bolo de menino), o lobo corria/disparava/tropeçava “para lá e para cá, para cima e para baixo, daqui para ali, por todo lado, por todo canto”. (BLUNDELL, 2011, p. 26-27) à procura de ingredientes um tanto exagerados. O menino por sua vez, via o lobo voltar sem fôlego e respondia: “- Mas que lobo mais bobo! Disse ele, abanando a cabeça. – Você esqueceu o sal” (BLUNDELL, 2011, p. 28).

Na última receita, o lobo exausto acaba desmaiando, deixando cair sobre ele todos os ingredientes, exceto um ramo de flores que o menino agarrou. Enquanto estava caído, o menino, sem perder tempo, misturou cimento, água e a areia e foi colocando tijolos na entrada da caverna do lobo. Não só construiu uma parede (com os ingredientes) para trancar o lobo, como também ironizou dizendo que era feio o mesmo tirar uma soneca no meio da tarde e que deveria fazer mais exercício: “- Mas que lobo mais bobo... – Pensou ele, voltando de bicicleta pela floresta” (BLUNDELL, 2011, p. 32).

Na história clássica, a mãe espera pela filha. Na contemporânea, a mãe espera pelo menino; a resposta dele, no entanto, parodia a versão clássica: “- Mãe, mãe! – Chamou ele. – Peguei um atalho pela floresta e fui apanhado por um lobo faminto, que me deu estas balas, este chapéu e uma bicicleta nova. E ainda estas flores para você” (BLUNDELL, 2011, p. 34).

Considerando as obras analisadas, é possível notar que a representação dos personagens clássicos sofreu grandes modificações na Literatura Infantil contemporânea. Enquanto nas obras infantis clássicas acentua-se a maldade do lobo – ele é o grande vilão devorador –, nas obras contemporâneas ele passa a ser mostrado como vítima, ingênuo, chegando a ser chamado de bobó.

Levando em consideração a repercussão dos contos de fadas, Ana Maria Machado (2002) expõe sobre a pertinência de se criar, em obras contemporâneas, o diálogo com os contos tradicionais: “Como esses contos tradicionais são os clássicos infantis mais difundidos e conhecidos, a gente sabe que pode se referir a eles e piscar o olho para o leitor, porque ele conhece o universo de que estamos falando” (MACHADO, 2002, p. 81). A escritora ainda destaca que “Fica possível, então, fazer paródias aos contos de fadas e brincar com esse repertório, aprofundando uma visão crítica do mundo a partir de pouquíssimos elementos” (MACHADO, 2002, p. 81-82).

Sendo assim, considera-se neste artigo, que quanto maior for o repertório do leitor em relação à leitura de obras clássicas, maior sentido fará a obra contemporânea. Retomados de forma parodística, os contos promovem uma aproximação que pode ser marcada pelo humor e pela crítica.

A paródia é, pois, na sua irônica transcontextualização e inversão, repetição com diferença. Está implícita uma distanciação crítica entre o texto em fundo a ser parodiado e a nova obra que incorpora, distância geralmente assinalada pela ironia. Mas esta ironia tanto pode ser apenas bem humorada, como pode ser depreciativa; tanto pode ser criticamente construtiva, como pode ser destrutiva. O prazer da ironia da paródia não provém do humor em particular, mas do grau de provimento do leitor no vai-vém intertextual [...] (HUTCHEON, 1985, p. 48).

Por conseguinte, quando não identificado o diálogo, a releitura fará um sentido, mas não o mesmo que o leitor com uma “bagagem de leituras” terá.

Hutcheon (1885) também destaca que a paródia não apresenta apenas repetição ridicularizadora, mas diferença irônica, um modelo de imitação caracterizado pela distância crítica que nem sempre é

constituído na forma de riso. A autora considera a paródia como um modo importante de autorreferencialidade.

No contexto da Literatura Infantil, é possível observar que a utilização da paródia é frequente. Dessa forma, a leitura de um reconto provoca o efeito cômico a partir do momento que transforma o esperado em algo inusitado. Segundo Henri Bergson (2001):

Para compreendermos o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social. Essa será – convém dizer desde já – a idéia diretiva de todas as nossas investigações. O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (BERGSON, 2001, p. 06).

Verdades podem ser reveladas de maneira oposta ao tom sério, pois, por meio do riso pode-se manifestar repúdio e críticas, principalmente ao poder. Através do riso, questionam-se estereótipos, desconstroem-se idealizações e a literatura contemporânea é muito marcada por estes traços.

Em se tratando dos contos de fadas, o leitor que conhece os clássicos observará um novo desfecho nas narrativas contemporâneas. A criação parodística permite esse regate dos contos clássicos e, ao mesmo tempo, uma inovação em relação à possibilidade de caminhos alternativos a serem seguidos pelos personagens que sobrevivem através dos contos de fadas.

Considerações finais

Nos contos analisados, o diálogo com “Chapeuzinho Vermelho” é estabelecido de forma criativa, as obras estão inseridas no contexto social contemporâneo e refletem valores que estão sendo reforçados atualmente. Seja com desfechos felizes ou não, os inimigos são vencidos e, na maioria das vezes, por meio da esperteza dos que eram as vítimas nos contos de fadas clássicos. Não apenas derrotados, os vilões são dessacralizados, alvos de piadas e brincadeiras. Dessa forma, o lobo que era o “perigo” agora precisa tomar cuidado com seu “prato favorito”.

Quem sabe a Literatura Infantil contemporânea esteja vivendo a fase do “Era uma vez um lobo mau!”. Talvez porque ele tenha saído

das florestas e invadido as redes sociais, com diversos perfis falsos, atraindo as crianças que vivem na era tecnológica, proibidas de saírem “pela estrada afora” devido aos perigos, mas que têm o mundo ao seu alcance por meio de diversos recursos em vários formatos seja pelo computador, tablet ou celular.

As mesmas crianças que consideram o lobo bobo (como nas obras analisadas), que o ridicularizam, acham graça em transformá-lo em bolo (como em “Chapeuzinho Amarelo”), atualmente podem ser alvos de pedófilos, de bandidos ou sequestradores. Mesmo sem terem ido “levar a cesta de doces para a vovó”, os leitores/Chapeuzinhos podem ser “devorados” pelo “lobo virtual”.

Na literatura contemporânea, o lobo tem diversas aparências, o que, de certa forma, continua servindo como alerta às crianças: deve-se tomar cuidado, pois, quando menos se espera (e de quem menos se espera), pode surgir um lobo mau, tanto na Literatura quanto na vida real!

Por outro lado, pode-se considerar que tais obras mostram aos leitores que não precisam ter medo, podem vencer o inimigo pela astúcia, inteligência e agilidade. Além disso, há outro aspecto interessante a se destacar: embora os heróis vençam o lobo e os demais perigos, ainda contam com a possibilidade de retornar para casa ou com a proximidade de um adulto em quem podem confiar. Assim, embora as obras contemporâneas dessacralizem a imagem estereotipada do vilão e questionem o maniqueísmo que tradicionalmente opõe o bem e o mal, continuam mostrando que é importante ter em quem confiar.

Nota-se que a Literatura Infantil contemporânea está “recheada” de recontos, os personagens clássicos prevalecem tanto em histórias clássicas como em contemporâneas e assim o reconto, de forma geral, apresenta ruptura com as histórias clássicas. No entanto, ao retomar personagens e situações já conhecidas, valoriza o texto parodiado, pois, torna-se necessário conhecimento prévio do texto tradicional para que o leitor estabeleça o diálogo e a paródia tenha efeito.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. Do conto ao reconto: uma viagem ao presente. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado. (Org.). **Conto e reconto**: das fontes à invenção. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 47-56.

BAKHTIN, Mikhail. Rabelais e a história do riso. In: _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2002. p. 51-123.

BERGSON, Henri. **O riso**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUNDELL, Tony. **Cuidado com o menino!** Tradução de Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra, 2011.

DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso. In: _____. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução de Sonia Coutinho. São Paulo: Graal, 2011. p. 13-103.

FORTES, Rita Felix. De objeto a sujeito, Chapeuzinho muda de cor. In: FORTES, Rita Felix; ZANCHET, Maria Beatriz; LOTTERMANN, Clarice. **Tradição, Estética e Palavra na Literatura Infanto-juvenil**. Cascavel: Gráfica da Unioeste, 1996. p. 13-62.

GRÉBAN, Quentin. **Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?** Tradução de Newton Cassiolato. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2010.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

MENEZES, Silvana de. **De quem tem medo o lobo mau?** São Paulo: Elementar, 2009.

PERRAULT, Charles; GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm; ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de fadas**. Tradução de Maria Luiza Xavier de Almeida Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Recebido em: 10/05/2015

Aceito em: 27/06/2015

